



Biblioteca Central "Vicerrector Ricardo A. Podestá"
Repositorio Institucional

Jovens em transição

desafio experimentado por jovens da cidade de São
Paulo

Año
2016

Autor
Arantes e Silva, Fernanda

Este documento está disponible para su consulta y descarga en el portal on line de la Biblioteca Central "Vicerrector Ricardo Alberto Podestá", en el Repositorio Institucional de la **Universidad Nacional de Villa María**.

CITA SUGERIDA

Arantes e Silva, F. (2016). *Jovens em transição*. Villa María: Universidad Nacional de Villa María



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional

2º CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN ARGENTINA DE SOCIOLOGIA

“Las ciencias sociales em América Latina y el Caribe hoy:

Perspectivas, debates y agendas de investigación”

Universidad Nacional de Villa Maria

6,7 e 8 de junho de 2016

GT 16: Estudios interdisciplinarios de las edades y del curso de la vida.

Jovens em transição: desafio experimentado por jovens da cidade de São Paulo

Fernanda Arantes e Silva¹

Resumo: A investigação em curso estuda os processos de transição para a vida adulta realizados por jovens moradores da cidade de São Paulo. O objetivo da pesquisa é ampliar a compreensão que se tem acerca de homens e mulheres jovens com idade entre 25 e 29 anos, no que diz respeito à transição para a idade adulta, o processo de individuação e os desafios vividos por estes sujeitos tanto para transitarem de um momento do curso de vida para o outro, quanto para se constituírem enquanto indivíduos na sociedade atual. Os sujeitos objetos dessa pesquisa são moças e rapazes que participam ou tenham participado de coletivos juvenis. Para a realização da pesquisa foi adotada a metodologia qualitativa, por meio da realização de entrevistas e mapeamento dos coletivos juvenis da cidade de São Paulo. Até o momento foram realizadas 13 entrevistas individuais, com homens e mulheres, a partir de um questionário semiestruturado que teve como fio norteador a busca por experiências e provas que pudessem ser reveladoras dos processos de transição para a vida adulta e de individuação. Os (as) jovens entrevistados (as) foram contados (as) após levantamento de coletivos realizadas a partir de base de dados do Programa para Valorização de Iniciativas Culturais da Prefeitura de São Paulo.

Palavras chaves: juventude – jovens – vida adulta – transição.

¹ Doutoranda na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: fernandarantes@gmail.com. Esta pesquisa é realizada sob a orientação da Profa. Dra. Marília Sposito e recebe apoio, por meio do processo nº 2014/20343-2, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Introdução

A pesquisa em curso é um desdobramento de uma pesquisa realizada no mestrado² em que foram investigados coletivos juvenis na cidade de São Paulo³. Essa aproximação permitiu identificar que a participação de mulheres e homens jovens nessas formas de associações possibilitava-lhes alargar experiências nesse momento do percurso de vida, vivenciar o período da juventude, distantes dos espaços institucionalizados como a escola e o ambiente familiar. Os grupos propiciavam ambientes de sociabilidade, de elaboração de projetos individuais e coletivos, de identificação com o outro, de interpretação do cotidiano e formas de intervir no mesmo (Silva, 2010).

Magalhães (2008, p 28) assinala que o pertencimento a coletivos juvenis não se configura na vida de moças e rapazes como um fator episódico, pois as formas associativas são “atitudes, padrões de consumo e comportamentos, gostos, crenças e mesmo os vínculos de sociabilidade e lazer revelam a presença de um modo de vida diferenciado”. O que se observou foi que a participação nos grupos além de potencializar a vivência do período da juventude também estava, de certo modo, impactando na construção de projeções sobre o futuro. Ademais, abria para os indivíduos jovens inúmeras possibilidades de experimentação, que poderiam impactar nos processos de transição para a vida adulta. Desse modo, algumas indagações orientaram a realização desta pesquisa: o que acontece com esses indivíduos na transição para a vida adulta? Quais são os marcadores que estão presentes na transição da condição de jovens para a de adulto na sociedade atual? Quais são os desafios comuns enfrentados pelos indivíduos jovens? Quais são as respostas dadas aos desafios com os quais se deparam? Qual é o lugar desse associativismo conforme prosseguem na vida, na idade, nas experiências mais tradicionalmente denominadas como típicas da fase adulta? A participação em grupos e coletivos juvenis afeta os processos de transição para a vida adulta?

² Grupos juvenis e equipamentos públicos: um estudo do centro cultural da juventude da cidade de São Paulo/Fernanda Arantes e Silva; orientação Marília Pontes Sposito. São Paulo: s.n, 2010. Pesquisa realizada entre 2008 e 2010, teve como objetivo conhecer os integrantes dos grupos, seus estilos, os modos de utilização das instalações do Centro Cultural da Juventude e de que forma este equipamento poderia ou não auxiliar na constituição e consolidação das ações empreendidas pelos grupos.

³ Segundo Reguillo (2000, p. 25), grupo pode ser compreendido como a reunião de vários jovens que não supõe organicidade, o que dá sentido ao grupo são as condições de espaço e tempo. Coletivo se refere também a reunião de vários jovens, mas que exige organicidade e o sentido prioritário é dado por um projeto ou atividade compartilhada.

Objetiva-se, assim, ampliar a compreensão que se tem acerca de homens e mulheres jovens com idade entre 25 e 29 anos, residentes da cidade de São Paulo, no que diz respeito à transição para a idade adulta, o processo de individuação e os desafios vividos por estes sujeitos tanto para transitarem de um momento do curso de vida para o outro, quanto para se constituírem enquanto indivíduos na sociedade atual. Os sujeitos que são objetos dessa pesquisa são moças e rapazes que participam ou tenham participado de grupos e coletivos juvenis.

Jovens e transições para a vida adulta: processos de individuação

Debert (1999) para tratar da periodização da vida utiliza a expressão curso de vida, em contraposição a ideia de ciclos de vida, uma vez que ciclo faz referência ao agrupamento das idades colocadas em sequência linear, progressiva, sendo cada período dotado de características próprias, constituindo-se como um modelo homogeneizador aplicável a todas as sociedades. Já o conceito de curso de vida é entendido como um processo gradual, imerso em aspectos sociais, históricos e individuais para compreender os períodos da vida. Segundo a autora, na modernidade o que se verifica é a transformação do curso de vida em um espaço de “experiências abertas”, o que faz com que a ideia de passagens ritualizadas de uma etapa para a outra, que outrora estava presente, não faça mais sentido.

Nesta pesquisa foi adotado o conceito de curso de vida para estudar as mudanças que ocorreram nos processos de transição da juventude para a idade adulta. O que se observa é que o modelo tradicional de passagem que foi consolidado após a Segunda Guerra Mundial, cuja característica era a linearidade, onde uma dada sequência unidirecional de eventos e etapas ordenava a trajetória dos sujeitos, desde a infância até a velhice (saída da escola, ingresso no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, formação de um novo domicílio pelo casamento e nascimento do primeiro filho), não condiz com a dinâmica de transição para a vida adulta na sociedade atual (Camarano, 2006).

Para Dubet (2004) na sociedade moderna a juventude não estaria mais definida entre a infância e a adultez, ela é a entrada na vida, preparação e mobilização para conquistar uma posição, que é cada vez menos programada, menos previsível, pois a mudança se tornou a regra. A juventude moderna se destaca como período de experiência e provas (*épreuve*), onde nada é dado e tudo deve ser adquirido pelos

próprios jovens. Segundo o autor, a juventude é uma prova. Os sujeitos jovens estão expostos a inúmeros desafios e são impelidos a cada vez mais investir, por si mesmos, na sua formação escolar, na busca pela autonomia e independência, garantindo assim uma posição favorável ao entrar na vida adulta.

No que diz respeito ao processo de transição para a vida adulta, o que se observa é que ao longo dos anos os modos de realizar essa passagem sofreram alterações. O “modelo de instalação” de passagem para a vida adulta foi superado (Galland, 1990). Para esse autor a entrada na vida adulta exigia ultrapassar três etapas: entrada na vida profissional, partida da família e formação de um casal. Esse modelo linear não atende às necessidades atuais para a compreensão da transição, uma vez que a ideia de papéis sequenciados e divididos por idade, já não captam a realidade social de uma sociedade marcada pelo desenvolvimento tecnológico contemporâneo, as mudanças ocorridas no processo produtivo, no domínio familiar e na configuração das unidades domésticas (Debert, 1999). A massificação da escolarização, que ocorreu ao longo do século XX, permitiu para novos segmentos sociais permanecer por mais tempo na instituição escolar, a inserção no mundo laboral, sem necessariamente deixar a casa dos pais e formar nova família. Essas transformações requisitam novas formas e estudos para compreender como ocorre essa passagem.

Para Peralva (1997, p 22) o prolongamento da escolarização foi um dos fatores que contribuíram para a “desconexão dos atributos da maturidade e, portanto, para a desorganização do modelo ternário do ciclo de vida”. Sposito (1997, p. 40; 2003, p. 21) apoiando-se em Chamboredon (1985) aponta para a existência da multiplicidade e a desconexão das diferentes etapas para entrar na vida adulta. O que se observa é a *descristalização*, que representa a “dissociação no exercício de algumas funções adultas”, e a *latência*, separação entre a “posse de alguns atributos do seu imediato exercício”. Para Attias-Donfut (1996) a entrada na vida adulta ocorre de modo progressivo, por meio de etapas variáveis que não podem ser reguladas e nem normatizadas.

Segundo Pais (2001) os jovens vivem um dilema de labirinto, ao se depararem com os caminhos para percorrerem nas suas trajetórias de transição para o trabalho e familiar. Argumenta que os jovens, por viverem em estruturas sociais crescentemente labirínticas, se envolvem em trajetórias yô-yô. Pais estudou tanto os tempos monocromáticos em que vivem os jovens (escolar, profissional, familiar), como os tempos policromáticos, que são de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade,

os sentimentos, a experimentação e a convivialidade. Ao acompanhar os tempos policromáticos, Pais (2001, p. 71-72) compreendeu as “voltas mágicas no carrossel da vida, as voltas e mais voltas que o próprio fado da vida permite”. Essas “voltas” é o que o autor vai chamar de “princípio de reversibilidade nos processos de transição para a vida adulta”, que vai levar o autor a caracterizar, “metaforicamente, a geração dos anos 90 como a geração yô-yô”. Para o autor são as possibilidades de ir e voltar que permitem aos jovens transitar para a vida adulta no ambiente labiríntico em que vivem. É a possibilidade de casar-se e permanecer no mesmo teto que os pais, que oferece suporte ou não, para prosseguir com a transição. É a interrupção dos estudos por busca de trabalho no momento em que este é mais importante, mas é a possibilidade de voltar à escola, tempos depois, que garante aos jovens a conquista, no futuro, de melhor posição social.

A partir do exposto acima se pode inferir que a inserção no mundo adulto não se dá mais de modo linear, que as transformações que ocorreram nos âmbitos econômicos, sociais, culturais, educacionais, no mundo do trabalho e nas instituições centrais da sociedade, passaram a exigir dos sujeitos que se responsabilizassem pelo seu processo de individualização e desenho de sua identidade. Essas transformações chamam a atenção para um novo modo de se fazer pesquisa, sendo os indivíduos e as diversas formas de se constituírem como tal, os sujeitos da investigação sociológica.

Danilo Martuccelli é na atualidade quem, por meio de suas pesquisas e vasta bibliografia, vem apontado para a necessidade de realizar uma sociologia do indivíduo, que permita apreender as mudanças históricas e sociais, pela perspectiva do indivíduo uma vez que, nas sociedades atuais a maior parte das trajetórias tendem a individualizar-se, torna-se imprescindível que as investigações tenham como objetivo apreender as diversas formas em que se constroem as existências individuais (Martuccelli, 2007). Para compreender esta nova dinâmica social é necessário, como propõe Danilo Martuccelli, uma mudança de rumo. Posicionar o indivíduo no centro das investigações e não somente olhar para ele como a consequência imediata de mudanças estruturantes.

A transição para vida adulta no âmbito desta pesquisa é estudada a partir da via da individuação, que consiste em “estabelecer uma relação *sui generis* entre a história da sociedade e a biografia do ator” (Martuccelli, 2007, p. 30). Isto é, uma via que considerando as grandes transformações históricas se propõe a escrever e analisar a produção dos indivíduos nas sociedades modernas. Segundo Martuccelli (2007, p. 30) “la dinámica esencial de la individuación combina un eje diacrónico com un eje

sincrônico, tratando de interpretar en el horizonte de una vida – o de una generación – las consecuencias de las grandes transformaciones históricas”.

No centro da teoria da individuação, para Martuccelli, está a noção de prova ou desafio. É a partir do estudo das provas que cada indivíduo vivencia, que será possível compreender esse processo. Mesmo em uma sociedade globalizada como a nossa, o processo de individuação carrega as marcas das mudanças estruturais, mas deve ser analisado a partir do modo como são objeto de respostas por parte dos indivíduos. As provas são, então, os desafios históricos produzidos socialmente e desigualmente distribuídos que os atores são obrigados a enfrentar para que possam constituir-se enquanto indivíduos (Martuccelli e Singly, 2012a).

As provas, enquanto desafios estruturais, são as mesmas para parcelas majoritárias da sociedade, as diferenças estão situadas nas posições e recursos que grupos ou indivíduos possuem para enfrentá-las (Martuccelli, 2007). Com a realização desta pesquisa busca-se identificar quais são as provas que caracterizam esse momento do curso de vida e quais as respostas dos indivíduos para enfrentarem o processo de transição para a vida adulta. Ao apoiar-se na perspectiva sociológica da individuação e no conceito de prova, esta pesquisa estuda a transição para a vida adulta distanciando-se da simples lógica do preparo dos jovens para ascender à posição de adulto.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa adotou-se a metodologia qualitativa, lançando mão de entrevistas individuais como recurso metodológico. A metodologia qualitativa possui duas características, a flexibilidade e a heterodoxia, que favorecem a realização de pesquisas com problemáticas como as expostas anteriormente. A primeira remete as técnicas de coleta de dados, como a observação direta, observação participativa, entrevistas, levantamento e análise de documentos, entre outras. A flexibilidade que ela oferece permite ao pesquisador o acesso a inúmeras fontes de informação, com as quais poderá estabelecer relação estreita para melhor compreender e apreender a realidade social alvo de investigação. A heterodoxia diz respeito à capacidade do investigador de integrar e analisar a variedade do material obtido (Martins, 2004).

O estudo pela via da sociologia do indivíduo privilegia a realização de entrevista, pois ela permite um olhar sociológico a partir de três elementos: o trabalho dos sujeitos sobre si, a singularidade e o fato de creditar coerência para as ações do

indivíduo. Para Martuccelli (2012) a entrevista, seja na sua forma clássica, seja no intercâmbio múltiplo, não recolhe representações acabadas, mas contribui para produzi-las, ajudando os sujeitos entrevistados considerar elementos da zona de não consciência e da zona de consciência. A partir desta proposta metodológica, em que a reflexão dos indivíduos sobre si mesmos é relevante, entende-se que o processo de individuação não tem um fim e o que interessa do ponto de vista metodológico é a reflexão produzida. Justamente para que a reflexão possa ocorrer pode ser necessária à leitura, por parte do (a) entrevistado (a), da entrevista realizada e a realização de mais de uma entrevista, quando for preciso.

A realização do trabalho de campo foi dividida em quatro etapas: (i) levantamento de coletivos formados por jovens, a partir dos projetos selecionados pelo Programa de Valorização de Iniciativas Culturais – VAI⁴ sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo; (ii) seleção dos coletivos; (iii) contato e aproximação com os (as) jovens integrantes, em busca de interessados em participar da pesquisa por meio de entrevista⁵ e, finalmente, (iv) realização das entrevistas.

Durante os meses de setembro e outubro de 2015 foram realizadas 13 entrevistas individuais, com 8 homens e 5 mulheres participantes e ex-participantes de coletivos juvenis. Utilizou-se um roteiro semiestruturado que contemplou os seguintes aspectos: trabalho, educação, relação familiar, religião, moradia, mobilidade, tempo livre, participação no coletivo, desafios que enfrentavam naquele momento de vida e quais eram as estratégias criadas para enfrentá-los, que momentos marcaram suas vidas, percepção que tinham sobre ser jovem e ser adulto e como se viam.

A primeira etapa do trabalho de campo permitiu identificar alguns desafios vividos por jovens no processo de entrada na vida adulta na atualidade, nesta apresentação abordarei um dos desafios identificados, que diz respeito a percepção que os jovens possuem de si no que diz respeito ao período do curso de vida em que estão.

⁴ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI é fruto da lei municipal nº 13540/ 2003, regulamentada pelo decreto nº 43823/2003⁴. Sua finalidade é apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, desenvolvidas principalmente por jovens das camadas populares, que residem em regiões da cidade onde não há ou são insuficientes os recursos e equipamentos culturais.

⁵ Foram realizadas entrevistas piloto para o aperfeiçoamento do guia de entrevistas no mês de junho/2015.

Jovem ou adulto? Em transição

As entrevistas revelaram que os marcadores – término dos estudos, inserção no mercado do trabalho, saída da casa dos pais, casamento e parentalidade -, socialmente construídos para definir a transição para a vida adulta não são, para os indivíduos entrevistados até o momento, referências para definir o ser adulto. As representações que constroem sobre a vida adulta estão apoiadas nas percepções que possuem sobre ser jovem e sobre ser adulto.

Quando indagados sobre o que é ser jovem, rapidamente referiam-se ao período do curso de vida que corresponde a essa faixa etária, a juventude, e a associavam a um tempo de experimentação. De modo geral, a juventude era enxergada positivamente, onde os atributos como “criatividade”, “disposição”, “curiosidade”, “ousadia”, “ineditismo” e “movimento” foram utilizados pelos (as) jovens para definir essa fase da vida. Alguns (as), ao definirem o que é ser jovem, aludiram ao modo como vivenciaram a sua juventude, expressando ter dificuldades para falar sobre esse tema de modo generalizado. As narrativas abaixo permitem visualizar alguns dos predicados mencionados por eles (as):

É um mistério. Acho que é um momento de descoberta, que você vem de uma adolescência onde as coisas são muito afoitas, né? Você está descobrindo o mundo. Você começa, talvez, a não querer fazer parte de algumas coisas. Começa a desconstruir algumas coisas. Pelo menos para mim foi assim. Esse momento de começar a entender quem era o Tadeu e onde que o Tadeu se encaixava nessa sociedade. (Tadeu, 29 anos)

Pô, ser jovem acho que é o tempo de errar, tempo de acertar, tempo de produzir, tempo de fazer, tempo de correr. Não vou dizer que ser jovem é ser feliz, porque se você concentrar a faixa de felicidade nos 30 anos, hoje a média brasileira você tem mais de 60 anos, então você vai ser feliz até os 30, vai ser difícil né? Mas acho que é isso, tempo de explorar, tempo de fazer isso, para depois fazer aquilo, se organizar. Então é, ser jovem é esse turbilhão assim: de emoções, de desafios, cada dia é um dia novo, porque a gente tem muito para frente e pouco para trás, então quase tudo é inédito. Então, acho que isso é uma máxima na vida do jovem. O inédito sempre. (Igor, 28 anos)

Por outro lado, para alguns ser jovem não é uma questão de idade e a forma como definem a juventude remete a ideia de um modelo cultural, como bem observou Peralva (1997), em que há uma sobrevalorização da juventude, que faz com que todos se sintam jovens, nem que seja “jovem de espírito”. Desse modo, o jovem não ocupa

mais um lugar de promessa do futuro, pois é visto como um modelo cultural, em que todas as faixas etárias podem se enquadrar, desde que o indivíduo se perceba como jovem. Termos como “juventude está na mentalidade”, “jovem dentro de si” e “ter vontade e disposição”, estiveram presente nas reflexões de alguns:

Ser jovem é manter o seu espírito em atividade. Ser jovem ele vai além do corpo, além da idade, não é? Conheço velhos muito mais jovens que muitos jovens aí. Então, a juventude está na mentalidade, está numa forma de acompanhar o contemporâneo, independente da idade. Isso é ser jovem. (Vinícius, 29 anos)

Ser jovem? Isso é difícil. Eu não consigo definir porque eu não consigo definir a partir de idade, sabe? Então eu acho que é ter vontade, disposição e correr atrás de fazer o que você quer fazer e isso independente da idade que a pessoa tenha. É você ainda conseguir se livrar dessa questão, dessa coisa que a gente tem na sociedade de “preciso trabalhar”, quando você ainda está conseguindo se desligar um pouco disso, acho que você ainda está nesse processo de juventude. (Tulipa, 24 anos)

A juventude como um valor, uma etapa da vida marcada pelo dinamismo e pela criatividade é um produto que surge no pós-guerra. Para Debert (2010), essa valorização da juventude faz com que ela perca conexão com um grupo específico, tornando-se um valor, que por meio da aquisição de bens de consumo, serviços apropriados e adequação no modo de ser, é possível conquistar. Desta forma, enquanto a juventude é percebida positivamente pelos indivíduos, o adulto tem uma conotação negativa, ser adulto é sinônimo de ser “chato”. É como se a possibilidade de experimentação encerrasse ao tornar-se adulto. As responsabilidades, por si e pelos outros, passam a ocupar lugar central na vida e o erro, aceitável enquanto se é jovem, não se enquadra na idade adulta.

Tornar-se adulto é adentrar em um mundo já pré-estabelecido, no qual é necessário ajustar-se e, ao efetuar este ajustamento, a possibilidade de criar e de descobrir não tem mais lugar nesse período da vida. Além disso, na percepção dos (as) jovens ser adulto tem estreita relação com ter estabilidade na vida:

Eu penso que, sei lá, adulto para mim significa um pouco mais de estabilidade, penso eu. Por mais que ela possa ser alternativa, possa ser itinerante. Mas com uma perspectiva de saber. Sabe? Se cuidar melhor, cuidar mais. Ter uma estrutura, ser melhor estruturado. Mas acho que é isso mesmo, adulto para mim significa estabilidade, assim, socialmente. (André, 30 anos)

Ser adulto é ser responsável, é ser sério. É pensar em constituir família. Ser adulto é se preocupar, é cuidar né? Cuidar tanto dos pais quanto dos filhos. É um meio termo ali. É assumir responsabilidades. É, o ser adulto é chato, né meu? É o que é chato. (Vinícius, 29 anos)

É chato. É enfrentar um monte de responsabilidade que você não escolheu, que estão aí. Que estão postas. E porque você é adulto, você tem que encarar um monte de coisa que é para você encarar mesmo. (Tadeu, 29 anos)

A percepção sobre ser jovem e ser adulto que possuem deu o tom das respostas dos (as) jovens quando indagados em que momento da vida consideravam que estavam. Os aspectos positivos que atribuem ao período da juventude e a visão negativa que possuem da idade adulta, fazia com que não se vissem nem como jovens e nem como adultos, mas em transição:

Ah, agora eu estou em transição, eu estou lá vendo esse adulto lá a mais ou menos uns dez anos, lá longe, lá depois da Paulista lá, aí cada vez mais eu vou chegando mais perto dele assim, outra hora ele foge, outra hora ele se esconde e tal. Então acho que agora eu estou chegando, chegar nele, falar: ô, e aí, posso chegar? Ele estava do outro lado da rua: ô, e aí, posso, posso ir aí? Você vai se esconder? Não, esconde não, meu nome é Carlos, qual que é o seu nome? Hoje eu estou mais assim. Então já estou mais para ele do que para mim. (Carlos, 29 anos)

Não me vejo em nenhum dos dois assim. Porque eu lido com muitas coisas burocráticas, eu lido com tudo isso, mas eu lido com uma leveza, sabe? Tipo, tudo bem, faz parte essa burocracia, eu não ponho esse peso. Porque para mim, adulto é uma palavra muito pesada, é lidar com responsabilidades, mas de um jeito muito, como eu sempre vi as pessoas lidando, sabe, não felizes. (Maira, 30 anos)

Além disso, alguns trouxeram em suas respostas aspectos relacionados aos marcadores da vida adulta, como por exemplo Pedro, que se via “em desenvolvimento”, pois ainda não tinha uma casa própria, não tinha uma família e nem filhos. Vinícius também trouxe elementos similares ao dizer que estava “entrando numa fase adulta”, pois já conseguia se manter financeiramente: “porque só agora eu posso fazer algumas coisas assim é, principalmente financeiramente, né? Sei lá, posso dirigir um carro, posso alugar uma casa, pegar um avião e ir para o outro lado do mundo. Então, eu estou nesse momento que eu não preciso mais pedir permissão para minha mãe” (Vinícius, 29 anos).

Por outro lado, chamou a atenção o fato de mesmo aqueles (as) que são casados (as), que já constituíram família e possuem domicílio independente, definirem-se como em transição, como é o caso da Thais que se casou e teve o primeiro filho aos 18 anos:

Eu ainda me acho, é muita responsabilidade, mas eu não me acho tão adulta, mas também não me acho jovem, né? Eu acho assim que a vida me fez envelhecer um pouco mais rápido. Mas eu sinto que eu nasci não tem muito tempo, sabe? Para mim né? Para minha mãe e para os registros eu nasci vai fazer 27 anos. Mas para mim eu nasci há pouco tempo. Tudo é muito novo para mim ainda. Tenho muita responsabilidade, eu já tenho dois filhos e já carrego uma casa, sabe? Sempre trabalhei, né? É isso. Ser adulto é responsabilidade. Foda. Ser mãe é uma responsabilidade muito forte também. (Thais, 26 anos)

De modo geral, todos (as) os (as) jovens já haviam cruzado um ou mais marcadores que definem a entrada na vida adulta, mas mesmo assim não se definiam como adultos. Isso pode ser um alerta de que os marcadores tradicionalmente utilizados para definir se o indivíduo é ou não adulto sejam insuficientes na atualidade.

Considerações finais

A pesquisa não está concluída. No primeiro semestre de 2016 o trabalho de campo, que consistirá em entrevistar mais 17 (dezesete) moças e rapazes, será finalizado.

No entanto, a partir dos testemunhos dos (as) jovens que já foram entrevistados (as) é possível dizer que estar em transição seja um dos principais desafios que precisam enfrentar, na medida em que desejam levar para a vida adulta os aspectos positivos que atribuem ao período da juventude. Tornar-se adultos, para esses indivíduos, é conseguir conciliar a experimentação com responsabilidade e estabilidade.

Bibliografia

ARAUJO, Katia. MARTUCCELLI, Danilo. (2012) *Desafíos comunes*: retrato de la sociedad chilena y sus individuos. 1ª ed. Santiago: LOM Ediciones, t1.

DEBERT, Guita Grin. (2010) A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horizonte. Antropológico**, Porto Alegre, vol. 16, nº. 34, dez. p. 49-70.

DUBET, François. (2004) La jeunesse est une épreuve. In: DUBET, F., GALLAND, O. & DESCHAVANNE, E. **Comprendre les jeunes. Revue de Philosophie et de Sciences Sociales**, nº. 5. Paris: Presses Universitaires de France.

GALLAND, Olivier. (1990) Un nouvel age de la vie? **Revue Française de Sociologie**, Paris, XXXI. p. 529-551.

MAGALHÃES, Lilianne. (2008) Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no espaço urbano de São Paulo. 306 fls. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. (2004) Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 30, nº 2, maio/ago. p. 289-300.

MARTUCCELLI, Danilo. (2007) *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago, Ed. LOM,

MARTUCCELLI, Danilo. (2007) Las pruebas del individuo em la globalización. In: *Cambio de rumbo: la sociedad a escala del individuo*. Santiago, Ed. LOM.

MARTUCCELLI, Danilo & DE SILGLY, François. (2012) *Las sociologias del individuo*. Santiago, LOM Ediciones.

PAIS, José Machado. (1990) A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, Lisboa, v. 25 nº105/106.

PAIS, José Machado. (2001) **Ganchos, tachos e biscates**. Lisboa: Ambar. Parte I, Caps 2 e 3. p. 65-104.

PERALVA, Angelina. (1997) O jovem como modelo cultural. In: **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, nº 06, maio-dez. p.15-24.

REGUILLO, Rossana. (2000) **Estrategias del desencanto. Emergencia de Culturas Juveniles**. México: Editorial Norma, Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación.

SILVA, Fernanda Arantes e. (2010) Grupos juvenis e equipamentos públicos: um estudo do Centro Cultural da Juventude da cidade de São Paulo. 2010. 240 fl. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SPOSITO, Marília Pontes. (2003) Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M.V.; PAPA, F.C. (orgs). **Políticas públicas de juventude: Juventude em pauta**. São Paulo: Cortez/Ação Educativa/Fundação Friedrich Ebert Stiftung.

SPOSITO, Marília Pontes. (1997) Estudos sobre juventude em Educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, nº. 5/6.